

# Trabalhadores rurais e o “credo vermelho”: experiências protestantes na Liga Camponesa em Goiana, Pernambuco.

Rural workers and the “credo vermelho”: protestant experiences in the Goiana Peasant League, Pernambuco.

Márcio Ananias Ferreira Vilela\*  
Arthur Victor Barros\*\*

**Resumo:** Entre os anos finais da década de 1950 e início dos anos 1960, os trabalhadores rurais foram protagonistas de um tempo de grande convulsão social. Atuando nas Ligas Camponesas ou nos sindicatos rurais, os trabalhadores mobilizaram lutas que tinham como finalidade a conquista de direitos, alcançando melhores condições de vida e trabalho. Essas experiências foram registradas cuidadosamente pelas autoridades policiais do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), que enxergavam nas mobilizações o desenvolvimento da ameaça comunista em Pernambuco. Dos registros policiais foi possível identificar a mobilização dos trabalhadores em Goiana, município da Zona da Mata Norte de Pernambuco. A partir da denúncia de incêndios nos canaviais das usinas pertencentes à Companhia Açucareira de Goiana, os investigadores policiais descreviam em seus relatórios a presença de “elementos perigosos” que contribuía para a “desestabilização da ordem” naquele município. Ao mesmo tempo, a análise dos registros policiais trouxe à luz a participação de protestantes nessas mobilizações sociais que, segundo a interpretação dos investigadores, promoviam uma nova modalidade de “infiltração comunista no campo”. Portanto, nosso objetivo repousa sobre a investigação da participação protestante nas mobilizações rurais em Goiana, enfatizando o papel dessas lideranças e sua aproximação com o debate sobre o Evangelho Social.

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor de História no Colégio de Aplicação (CAp/UFPE). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4522-5823>. E-mail: [ananiasvilela@hotmail.com](mailto:ananiasvilela@hotmail.com).

\*\* Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) sob a orientação da Profa. Dra. Christine Dabat. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2857-8715>. E-mail: [arthur.victor19@gmail.com](mailto:arthur.victor19@gmail.com).

**Palavras-chave:** protestantismo; Ligas Camponesas; Goiana.

**Abstract:** Between the late 1950's and early 1960's, rural workers were the protagonists of a time of great social upheaval. Working in the Peasant Leagues or in the rural unions, the workers mobilized struggles that had the purpose of conquering rights, achieving better living and working conditions. These experiences were carefully recorded by the police authorities of the Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), who saw in the mobilizations the development of the communist threat in Pernambuco. From police records it was possible to identify the mobilization of workers in Goiana, a municipality in the Zona da Mata Norte of Pernambuco. Based on the report of fires in the sugar cane fields belonging to Companhia Açucareira de Goiana, police investigators described in their reports the presence of "dangerous elements" that contributed to the "destabilization of order" in that municipality. At the same time, the analysis of police records brought to light the participation of protestants in these social mobilizations that, according to the researchers' interpretation, promoted a new modality of "communist infiltration into the countryside". Therefore, our objective rests on the investigation of Protestant participation in rural mobilizations in Goiana, emphasizing the role of these leaders and their approach to the discussion on the Social Gospel.

**Keywords:** protestantism; peasant leagues; Goiana.

## Introdução

A HISTÓRIA DO PROTESTANTISMO NO BRASIL ainda é um campo fértil de discussões. Em geral, as análises se resumem a formação e consolidação desse segmento religioso no país, embora muitas vezes essas análises sejam feitas por escritores comprometidos com suas denominações, sem possuir, portanto, caráter historiográfico. Nos últimos anos, um número significativo de pesquisas feitas por historiadores aprofundaram as análises e deslocaram o foco para as ações de sujeitos marginalizados e esquecidos pelas instituições protestantes. A história da igreja se transformou na história e trajetória de líderes, pastores e membros que atuavam em movimentos sociais, muitos dos quais contrários às doutrinas protestantes. Este artigo, portanto, tem como objetivo apresentar uma discussão sobre as experiências protestantes nas Ligas Camponesas em Pernambuco, em especial no município de Goiana, entre os anos finais da década de 1950 e início de 1960.

As experiências foram registradas nos arquivos policiais produzidos pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS/PE). A partir da investigação inicial realizada por agentes policiais sobre os incêndios nos canaviais em Goiana, município de Pernambuco, foi possível reconstituir uma complexa rede, onde protestantes eram acusados de serem "agentes do comunismo" infiltrados no campo, a "serviço de um credo vermelho".

Nossas evidências iniciais estão ligadas a um relatório de ocorrências observadas nesse município, do dia 30 de outubro a 30 de novembro de 1959, que compõe o Prontuário Funcional nº 05368, das Ligas Camponesas de Goiana, disponível no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE).<sup>1</sup> A existência desse documento permitiu aprofundar nossa análise e descobrir elementos que aprofundam o debate sobre o protestantismo no Brasil e suas implicações na sociedade.

Para demonstrar a existência dessa rede, assim como sua complexidade e participação de seus elementos como sujeitos históricos, o presente artigo está dividido em três tópicos. No primeiro será apresentado o contexto histórico e social de Pernambuco durante a década de 1950, período marcado por intensas mobilizações no meio rural. Neste caso, o cenário que possibilitou a formação e desenvolvimento das Ligas Camponesas, em especial no município de Goiana. O início dos incêndios nos canaviais nessa cidade pernambucana colocou em evidência os acontecimentos, transformando a cidade num centro de vigilância por parte das autoridades policiais. Mais além, as investigações policiais revelam o que seria uma nova modalidade de infiltração, praticada a partir de ações das igrejas protestantes. No segundo tópico serão apresentadas considerações a respeito do Evangelho Social, ou o “credo vermelho”, uma discussão presente entre os protestantes considerados progressistas. O Evangelho Social foi utilizado como justificativa para tal infiltração, o que se deveu à interpretação equivocada sobre as ações críticas dos protestantes em relação ao meio social em que estavam inseridos. No último tópico serão apresentados elementos viabilizadores retomando o debate sobre o protestantismo no Brasil, acrescentando-lhes o curso de nossa investigação nessa grande discussão. Os exemplos amplamente conhecidos e analisados pela historiografia encontram agora maiores evidências sobre a participação dos protestantes nos movimentos sociais que agitaram o Brasil no período que vai até o golpe civil-militar de 1964. E, por fim, uma observação sobre os documentos trabalhados. Um olhar crítico fundamental para não se deixar contaminar por discursos amplamente anticomunistas que, ao mesmo tempo, estiveram atrelados a práticas reforçadoras da desigualdade social. Logo, é esperado que interesses políticos e posicionamentos expressos na documentação não sejam negligenciados,<sup>2</sup> sentido a partir do qual a análise da documentação foi, portanto, conduzida de modo como se torna possível identificar e questionar os condicionamentos políticos e ideológicos da fonte.<sup>3</sup>

1 Esses e outros documentos podem ser consultados através do Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN). Disponível em: <http://sian.an.gov.br/>. Acesso em: 26 abr. 2020.

2 ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. **Construindo o sindicalismo rural: lutas, partidos, projetos**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2002.

3 MELO, Demian Bezerra de. O golpe de 1964 e meio século de controvérsias: o estado atual da questão. In: MELO, Demian Bezerra de (Org.). **A miséria da historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 164.

## Incêndios nos canaviais e formação das Ligas Camponesas em Goiana

O MUNICÍPIO DE GOIANA está localizado na Zona da Mata Norte, distante 62 km da cidade do Recife.<sup>4</sup> Historicamente, a produção de cana-de-açúcar é a principal atividade econômica da região, o que gera a maior parte da renda e emprego. Ao mesmo tempo, a relação de exploração do trabalho presente na agroindústria açucareira desenvolveu um clima de intensa mobilização social, em especial a partir da segunda metade da década de 1950. Trabalhadores rurais se mobilizaram em torno das Ligas Camponesas e sindicatos rurais, cujo bem comum foi a busca por melhores condições de vida e trabalho.

As mobilizações dos trabalhadores rurais em Pernambuco atingiram novo patamar a partir de 1955. Naquele ano foi fundada, no município de Vitória de Santo Antão, distante 55 km do Recife, a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco (SAPPP), sob a responsabilidade de Zezé da Galileia, seu primeiro presidente. A organização dos trabalhadores rurais em torno dessa sociedade está assentada nas duras condições de vida e trabalho às quais estavam submetidos os moradores do engenho Galileia, propriedade pertencente a Oscar Beltrão. Impossibilitados até mesmo de enterrar seus mortos em caixão próprio,<sup>5</sup> a organização da sociedade permitiu aos moradores do engenho promover uma assistência mínima através da compra e distribuição de sementes, empréstimos em dinheiro para pagamentos de dívidas, campanha de alfabetização com a contratação de professores e o estabelecimento de um serviço funerário, possibilitando um enterro digno aos mortos.<sup>6</sup>

Inicialmente Beltrão foi tolerante ao movimento, o que lhe rendeu até mesmo o cargo de presidente honorário da SAPPP.<sup>7</sup> Para ele, a organização dos trabalhadores garantiria o pagamento dos atrasados, tanto do cambão<sup>8</sup> quanto das dívidas contraídas pelos moradores no barracão do engenho. Seguindo a perspectiva dos moradores, é possível apontar para a organização dos trabalhadores em torno de uma sociedade que fizesse frente aos problemas

4 Até o ano de 2018, a cidade de Goiana pertencia à Zona da Mata Norte do estado de Pernambuco. Nesse mesmo ano, o plenário da Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco (Alepe) aprovou o projeto de lei que incluiu o município na Região Metropolitana do Recife. No entanto, no dia 3 de março de 2020, o mesmo plenário votou em primeiro turno o projeto de lei que oficializou o retorno do município à Mata Norte. Retorno de Goiana para a Zona da Mata Norte é aprovado na Alepe. **Diário de Pernambuco**, Recife, 4 mar. 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2020/03/retorno-de-goiana-para-a-zona-da-mata-norte-e-aprovado-na-alepe.html>. Acesso em: 20 mar. 2020.

5 Nessa época, os familiares recorriam ao caixão público oferecido pela prefeitura de Vitória de Santo Antão. Antes de ser enterrado, o corpo era retirado e o caixão devolvido aos responsáveis. Para maiores informações, ver: CASTRO, Josué. **Sete palmas de terra e um caixão**. Lisboa: Editora Seara Nova, 1975. PORFÍRIO, Pablo. **Medo, comunismo e revolução**. Pernambuco (1959-1964). Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009. MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia e memória**. São Paulo: Contexto, 2010. PAGE, Joseph. **A revolução que nunca houve: o Nordeste do Brasil (1955-1964)**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1972.

6 PAGE, op. cit., p. 53.

7 Ibidem. p. 53.

8 O cambão era uma espécie de imposto pago pelos foreiros através de dias de trabalho sem remuneração. Com o cambão, o proprietário mantinha uma relação servil, sem perder o direito sobre suas propriedades. Dessa forma, os proprietários exerciam considerável poder sobre os explorados sem assumir uma relação de trabalho. O não pagamento dessa prática resultava no despejo, situação muito comum vivenciada pelos camponeses.

a que estavam submetidos, independentemente da boa vontade do patrão. Conforme o historiador Antonio Torres Montenegro, “os trabalhadores, ao fundar uma sociedade beneficente, procuravam institucionalizar uma prática de cooperação com que pudessem melhor enfrentar os problemas de doença, da morte e mesmo paralelamente saldar os débitos com o proprietário”.<sup>9</sup> O entusiasmo dessa relação foi rapidamente desfeito quando, alertado por outros latifundiários sobre a possível “infiltração comunista” no local, Oscar Beltrão, agindo contra a sociedade agrícola, decidiu expulsar os moradores do engenho. Nesse momento, as reivindicações dos galileus, assim chamados pelo jornalista Antônio Callado,<sup>10</sup> ganharam ampla dimensão, pois contou com o apoio do advogado e deputado estadual pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB), Francisco Julião.

A presença de Francisco Julião na liderança da sociedade desenvolveu-se com intensa visibilidade tanto no âmbito nacional quanto internacional.<sup>11</sup> A sociedade ampliou suas atividades alcançando outros trabalhadores rurais submetidos à exploração dos latifundiários e usineiros. Inicialmente a SAPPF foi resultado de mobilização restrita ao engenho Galileia; com o crescimento de suas atividades, a sociedade tornou-se o movimento de maior mobilização política e social do Brasil Republicano, as Ligas Camponesas.<sup>12</sup> Rapidamente as ligas alcançaram vários municípios, não só em Pernambuco, mas também em outros estados do Nordeste.<sup>13</sup> A situação se intensificou em 1959 quando o plenário da Assembleia Legislativa de Pernambuco aprovou o projeto de desapropriação do engenho Galileia, sancionado posteriormente pelo governador Cid Sampaio.<sup>14</sup> Tal medida representou uma vitória para os trabalhadores rurais, assim como despontou a mobilização por uma “reforma agrária na lei ou na marra” e contra a condição de exploração e miséria a que estavam submetidos.

Também em março de 1959 foi estabelecida a sede das Ligas Camponesas em Goiana, sob a responsabilidade do alfaiate Alderico Alves de Vasconcelos.<sup>15</sup> Em abril de 1959, Alderico Alves foi conduzido à delegacia de polícia para prestar depoimento sobre seu envolvimento com as ligas. Sua imagem foi retratada como “elemento agitador dos mais ativos”.<sup>16</sup> No depoimento,

9 MONTENEGRO, op. cit., p. 79.

10 CALLADO, Antônio. **Os industriais da seca e os “galileus” de Pernambuco**. Aspectos da luta pela reforma agrária no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

11 Nacionalmente, as atividades das Ligas Camponesas foram retratadas nas páginas policiais dos principais jornais do Brasil. A existência desse movimento no Brasil era interpretada como uma “organização comunista”, responsável por “subverter a população rural”. Ao mesmo tempo, a retórica anticomunista era o reflexo das orientações oriundas do *State Department* norte-americano, que enxergava as ligas como uma operação de Moscou no Nordeste do Brasil. Para maiores discussões sobre o assunto, Cf. MONTENEGRO, op. cit., p. 79.

12 As Ligas Camponesas não foram fundadas originalmente por Francisco Julião. Trata-se de uma forma de mobilização e organização dos trabalhadores rurais utilizada pelo Partido Comunista do Brasil (PCB) entre os anos de 1945 a 1947, quando a repressão desencadeada ao PCB após a cassação do registro eleitoral em 1947 provocou a desmobilização das ligas. Posteriormente as ligas ressurgiram ligadas ao movimento liderado por Francisco Julião, identidade atribuída ao movimento graças à atuação da imprensa de Pernambuco na tentativa de criminalizá-lo.

13 Podemos citar como exemplo a fundação, em 1959, da Liga Camponesa em Sapé, Paraíba, pelo líder camponês João Pedro Teixeira, uma das maiores expressões do movimento fora de Pernambuco.

14 PORFÍRIO, op. cit., p. 44.

15 “LIGA CAMPONESA” ameaça paralisar a produção açucareira em Goiana. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22 mar. 1959. Ano 134, nº 67, p. 5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_13/55309](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/55309). Acesso em: 13 fev. 2020.

16 Ibidem.

declarou saber da existência de “uma sociedade denominada Agropecuária dos Plantadores de Pernambuco”, além do que “já frequentou a mencionada sociedade”, compreendendo que “a dita sociedade se encarrega de defender o caso dos operários, como seja: salários, direitos e reivindicações dos direitos negados aos mesmos operários”, embora declare também que “não sabe quais os estatutos da mesma” e “que não é membro da mencionada sociedade”.<sup>17</sup> Os investigadores policiais procuravam implicar a Alderico a responsabilidade de atear fogo aos canaviais pertencentes à Companhia Açucareira de Goiana. A investigação é parte do relatório da polícia datado de 13 de novembro de 1959 e nos oferece uma descrição da situação:

No dia quatro (4) do corrente mês, fomos procurados por um dos dirigentes da Companhia Açucareira de Goiana (proprietária da Uzina (sic!) N. S. das Maravilhas e de vários engenhos) o qual nos relatou a ocorrência de incêndios em canaviais pertencentes àquela Companhia.

Apurando o fato, verificamos o seguinte: no dia 30 de novembro, dizemos, de outubro próximo findo irrompeu um incêndio de proporções consideráveis, nos canaviais do engenho Goiana Grande para, daquele dia em diante (sic!) se verificarem outros sinistros revestidos de características tais que nos permitem afirmar terem sido provocados propositalmente uma vez que, dado a situação topográfica e de trabalho nos canaviais atingidos e ainda ao volume de cana queimada, podemos seguramente afastar a hipótese de causalidade.

Afora o primeiro, outros incêndios, como já dissemos, foram alvo da ação criminosa dos incendiários. Ditos engenhos foram: Boa Vista (1 incêndio), Jacaré (2 incêndios) e novamente Goiana Grande (2 incêndios), apresentando uma estimativa de 1.500 toneladas de cana queimada.<sup>18</sup>

Há aqui uma descrição sobre a possível atividade de “líderes comunistas” em Goiana, assistidos por “dirigentes exponenciais das Ligas Camponesas”,<sup>19</sup> embora não seja possível identificar os possíveis responsáveis pelas ações.<sup>20</sup> Apesar da imprecisão dos detalhes, Alderico Alves e Eulálio Ribeiro, pescador, foram apontados na investigação policial como possíveis participantes da liderança nas ações incendiárias que atingiram os canaviais em questão:

Com o auxílio da Delegacia Auxiliar, através de dois investigadores postos à nossa disposição, estamos promovendo investigações no campo e na cidade, principalmente sobre os seguintes indivíduos por nós anotados [...] participantes ou pelo menos simpatizantes das Ligas Camponesas:

Na cidade: Alderico Alves Vasconcelos e Eulálio Ribeiro dos Santos, vulgo Eulálio Madalena.<sup>21</sup>

A existência dessa linha de investigação retoma o debate acerca das práticas de atear fogo aos canaviais em Pernambuco, o que a partir da segunda metade dos anos 1950 tomou

17 **Termo de Declaração da Delegacia Auxiliar de Goiana em 31 de abril de 1959.** Prontuário Individual nº 13624, Alderico Alves de Vasconcelos, Departamento de Ordem Política e Social (DOPS/PE). Disponível no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE).

18 **Relatório das ocorrências observadas neste município, do dia 30 do mês findo, até a presente data.** 30 nov. 1959. Delegacia de Polícia do Município de Goiana. Prontuário Funcional nº 05368, Ligas Camponesas de Goiana, Departamento de Ordem Política e Social (DOPS/PE). Disponível no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE). p. 1.

19 Ibidem.

20 Ibidem.

21 Ibidem. p. 2.

nova dimensão, período em que as atividades das Ligas Camponesas foram intensificadas. Os incêndios, que até então eram utilizados para acelerar a colheita da cana, foram transformados em objeto de investigação pelas autoridades policiais, isto graças à mobilização da imprensa em associar os incêndios às ações de “elementos agitadores comunistas”, transformando o fenômeno em prova da “subversão” e da “instabilidade social e política” no campo. Logo, as investigações sobre os incêndios obtiveram grande destaque nas páginas policiais dos principais jornais.

Ao noticiar os incêndios como resultantes da “agitação comunista”, os jornais acabaram por traduzir o temor e a ansiedade dos latifundiários, revelando os múltiplos significados a que o fogo nos canaviais remete: nisso presentes não só o medo de perder todo o plantio como também o temor da rebelião dos trabalhadores contra toda forma de opressão a que foram submetidos, medo presente entre os latifundiários desde os incêndios que tomaram os vastos campos de cana durante a Revolução Haitiana ao fim do século XVIII.<sup>22</sup> O temor representado pelo fogo foi demonstrado quando analisado o papel da imprensa como representante dos latifundiários. O trecho do editorial do *Jornal do Commercio* intitulado “Revoltante desfaçatez”, de janeiro de 1960, oferece um exemplo do uso da imprensa na defesa dos interesses da agroindústria açucareira em Pernambuco:

Ninguém ignora que uma onda de incêndios assolou há poucos dias os canaviais de Pernambuco, incêndios ateados por elementos perniciosos, sob a liderança de agitadores, com o objetivo de fomentar a indisciplina e a balbúrdia na outrora pacífica zona da cana do estado.<sup>23</sup>

Ao assumir postura defensiva dos interesses usineiros, a imprensa não levou em consideração, à época, que o fogo nos canaviais era um fenômeno recorrente, especialmente provocado por atos de descuido e agravado em épocas de seca:

Os plantadores, contudo, sempre tiveram de enfrentar incêndios acidentais. As locomotivas das linhas férreas das usinas lançavam fagulhas que às vezes incendiavam a cana. Os trabalhadores que atiravam fora tocos de cigarro ou os gravetos em chamas com que acendiam seus cachimbos se arriscaram a pôr fogo no canavial. Caçadores de pássaros disparando suas espingardas, crianças brincando com fósforos ou um raio inesperado poderiam incendiar um campo inteiro.<sup>24</sup>

Até mesmo as usinas ordenavam que se ateasse fogo aos canaviais como alternativa para acelerar os trabalhos de colheita da cana.<sup>25</sup>

Para o trabalhador, a queima da cana proporciona algumas vantagens como: a eliminação de animais peçonhentos como cobras e insetos; folhas, antes cortantes, deixam de machucar; possibilidade de volume maior no corte da cana, embora sem a devida remuneração pelo trabalho sobressalente.<sup>26</sup>

22 ROGERS, Thomas D. **As feridas mais profundas**: uma história do trabalho e do ambiente do açúcar no Nordeste do Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2017. p. 211.

23 Ibidem. p. 216.

24 Ibidem. p. 211.

25 Embora os lucros sejam menores por conta da cana queimada, as propriedades da sacarose permaneciam inalteradas durante três dias após a queima, caso a cana permanecesse no pé. Cf. ROGERS, op. cit., p. 223.

26 Ibidem. p. 223.

O mesmo relatório que procurou implicar os responsáveis pelos incêndios desconsiderou até mesmo a possibilidade de incêndio criminoso provocado por alguém em desavença com o patrão.<sup>27</sup>

O fato de uma Liga Camponesa atuar no município em benefício de trabalhadores está implicado em nítida mudança no tom do discurso apresentado pelos investigadores, transformando uma prática comum causada por descuido, por desavença ou até mesmo intencionalmente, em uma atividade subversiva:

Das indagações que fizemos *in loco*, entre os trabalhadores diversos, colhemos elementos de convicção suficientes a nos permitir afastar a hipótese de, mesmo criminosamente, terem sido os incêndios ateados por cortadores de cana, com o intuito de forçar maior produção e conseqüentemente maior renda *per capita* uma vez que da maneira como foram ateados os sinistros (grande volume de cana queimada de uma só vez e alternadamente em pontos distantes uns dos outros), impossível seria quer aos trabalhadores executarem em tempo útil o corte de toda a cana atingida que a usina (sic!) utilizar na moagem, com real proveito dentro do espaço de tempo necessário o produto do corte de canaviais atingidos pelo fogo.<sup>28</sup>

As ações das autoridades policiais alimentaram certo clima de constante vigilância sobre figuras reconhecidas como “perigosas”, ao mesmo tempo em que reforçaram os laços de dominação e exploração existentes no campo. A violência simbólica a que estavam submetidos os trabalhadores rurais foi denunciada por Alderico Alves e apresentada como reivindicação das Ligas Camponesas de Goiana ao jornal *Diário de Pernambuco* em março de 1959.<sup>29</sup> Isto porque, no mesmo relatório, as autoridades policiais autorizaram a presença de vigias armados “com ordem de prender e fazer apresentar” à delegacia de Goiana “quaisquer elementos encontrados em atividades suspeitas”.<sup>30</sup> Tal autorização legitima a presença de pessoas armadas nos engenhos e usinas, coagindo o trabalhador rural a permanecer em “ordem”.

As atividades do líder camponês Alderico Alves chamaram a atenção das autoridades policiais e o registro de sua atuação permite hoje ao historiador a reconstrução de uma rede de conexões. A partir da análise crítica da documentação produzida pelo aparato policial, é possível identificar a relação de Alderico Alves com outros sujeitos, sendo que um deles, o pescador Eulálio Ribeiro dos Santos, era visto pelas autoridades como “um agitador conhecido por toda cidade e elemento, assim como Alderico Vasconcelos, altamente perigoso”.<sup>31</sup> Essa

27 Desavenças pessoais com os patrões, migrantes do interior do estado em busca de trabalho que não recebiam seus salários ou até mesmo pessoas com fome poderiam atear fogo nos canaviais como forma de protesto. Essas atividades eram entendidas como criminais pelos investigadores de polícia e não tem uma conotação política subversiva. Para maiores informações, ver: ROGERS, op. cit., p. 211.

28 **Relatório das ocorrências observadas neste município, do dia 30 do mês findo, até a presente data.** op. cit., p. 1.

29 Cerca de um (1) mês da reclamação, Alderico foi chamado para prestar depoimento na Delegacia Auxiliar de Polícia em Goiana. Parte do seu depoimento já foi registrado neste trabalho. “LIGA CAMPONESA” ameaça paralisar a produção açucareira em Goiana. **Diário de Pernambuco**, Recife, 22 mar. 1959. Ano 134, nº 67, p. 5. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_13/55309](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_13/55309). Acesso em: 13 fev. 2020.

30 **Relatório das ocorrências observadas neste município, do dia 30 do mês findo, até a presente data,** op. cit., p. 2.

31 **Relatório da Delegacia de Polícia do Município de Goiana.** 10 nov. 1960. Delegacia de Polícia do Município



relação envolve uma ligação entre a cidade de Goiana e a sede das ligas no Recife, que mantinham, segundo as autoridades policiais, ligações com Francisco Julião.<sup>32</sup>

Os trabalhadores rurais e camponeses eram conduzidos até Alderico Alves por intermédio de Eulálio Ribeiro, que os encaminhava para a sede das ligas no Recife onde encontravam advogados para tratar de reclamações de cunho trabalhista. Ao tomar essa relação como paradigma indiciário é possível estabelecer uma complexa rede de pessoas envolvidas com as atividades das Ligas Camponesas no município de Goiana, pessoas dos mais diversos credos e classes sociais.

Num dos relatórios de polícia utilizados como fonte primária deste artigo, uma figura salta aos olhos do historiador: trata-se de João Bezerra Chaves, diácono presbiteriano<sup>33</sup> e presidente da Câmara dos Vereadores de Goiana.<sup>34</sup> A presença de João Chaves possibilita-nos ampliar o escopo de análise e inserir o debate sobre o Evangelho Social,<sup>35</sup> discussão presente nos setores progressistas das igrejas protestantes, embalados pelo clima “pré-revolucionário” que atravessava o Brasil à época.

A existência dessa conexão se fez notória a partir de informações cuidadosamente registradas por autoridades policiais em seus relatórios. A análise da documentação evidencia ainda um detalhe importante: João Chaves estaria envolvido em nova modalidade de “infiltração comunista” desenvolvida no município de Goiana nos anos finais de 1950! Ao lado dos habituais “centros do comunismo”, tais como sindicatos e ligas, as igrejas protestantes eram responsáveis por difundir entre os camponeses o suposto “Credo Vermelho”:

Neste Município, anteriormente o trabalho de infiltração era feito através dos sindicatos, colônias etc., e presentemente, a modalidade de infiltração é feita por intermédio das Igrejas Protestantes (Igreja dos Crentes), onde agentes escolhidos e esclarecidos, distribuídos entre lavradores, operários e pescadores, fundam e constroem em locais pré-estabelecidos Igrejas Batistas, Igrejas Presbiterianas, Igrejas Evangelistas e principalmente Assembleias de Deus, com o objetivo de difusão do credo vermelho.<sup>36</sup>

Na visão das autoridades policiais, as igrejas protestantes utilizavam suas instalações para “subverter” e fomentar “o descontentamento, a discórdia, e a desarmonia”; e os trabalhadores

de Goiana. Prontuário Funcional nº 05368, Ligas Camponesas de Goiana, Departamento de Ordem Política e Social (DOPS/PE). Disponível no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE). p. 12.

32 **Relatório das ocorrências observadas neste município, do dia 30 do mês findo, até a presente data.** op. cit., p. 3.

33 As atribuições de um diácono na Igreja Presbiteriana do Brasil incluem: arrecadação de ofertas para fins piedosos; cuidado dos pobres, doentes e inválidos; manutenção da ordem e reverência nos lugares reservados ao serviço divino; fiscalização para a boa ordem na Casa de Deus e em suas dependências. Fonte: **Quais são as atribuições de um diácono?** Disponível em: <http://www.iparacaju.org/2016/02/21/quais-sao-as-atribuicoes-de-um-diacono/>. Acesso em: 27 fev. 2020.

34 A documentação analisada não possibilitou informar a que partido estava filiado João Chaves.

35 O Evangelho Social é uma corrente progressista do protestantismo cuja visão de mundo está associada à responsabilidade da Igreja frente aos problemas sociais. A interpretação crítica das escrituras sagradas é a base para o enfrentamento dos problemas sociais, assim como possibilita a inserção dos protestantes no meio social, contribuindo para a melhoria e o bem-estar social.

36 **Relatório das ocorrências observadas neste município, do dia 30 do mês findo, até a presente data.** op. cit., p. 3.

rurais eram vítimas das ações dos pastores e diáconos “comunistas”, “aproveitadores da ignorância e da boa fé”.

Aproveitando-se muitas vezes da boa fé, da credulidade de trabalhadores ignorantes, para incutir no espírito dos mesmos, ideias subversivas, explorando o grau de miséria em que vivem os trabalhadores rurais desta região, com promessas utópicas, vãs, fomentando o descontentamento, a discórdia, a desarmonia, criando um ambiente propício à arregimentação de prosélito para seu credo, sob o subterfúgio de pregação evangélica.<sup>37</sup>

O “credo vermelho” constituiu-se da associação do Evangelho Social com o “comunismo”. Na interpretação das autoridades policiais, a busca por direitos trabalhistas era intencionalmente confundida com ações dos comunistas, e as igrejas eram auxiliares dos trabalhadores rurais nessas questões. “Prova” de seu envolvimento seria o aumento dos casos de ações trabalhistas:

Para corroborar esta nossa assertiva, haja vista o número de ações intentadas por trabalhadores rurais contra patrões e vice-versa, nos cartórios deste Município, deduzidas as que normalmente aparecem, sempre patrocinadas por advogados reconhecidos como esquerdistas. [...] Para robustecer ainda mais nossas informações acerca da maneira de infiltração que ultimamente vem-se realizando por meio das Igrejas Protestantes, com suas inúmeras ramificações, basta dizer que os aludidos investigadores conseguiram descobrir que os camponeses são orientados pelos sub-chefes - também crentes - ao sr. João Chaves que é diácono da Igreja Presbiteriana, [...] que os encaminha ao Alderico Vasconcelos que, por sua vez os leva ao Recife e os apresenta aos principais cabeças, liderados pelo deputado Francisco Julião, por demais conhecido como presidente das Ligas dos Camponeses.<sup>38</sup>

A documentação apresentada permite poucos detalhes sobre a atuação de João Chaves nas Ligas Camponesas em Goiana.<sup>39</sup> Como diácono presbiteriano, sua função era receber e orientar os fiéis na igreja, já como vereador exerceu função de presidente da Câmara Municipal de Goiana e, conseqüentemente, era figura conhecida não somente entre os irmãos em Cristo, mas também entre toda a população local. Seu nome estava relacionado a Alderico Alves e Eulálio Ribeiro como o elo dos trabalhadores rurais com a alfaiataria de Alderico Alves, local onde alguma assistência era prestada aos trabalhadores. Estes, logo em seguida, eram encaminhados à sede das ligas no Recife.<sup>40</sup>

As autoridades policiais interpretaram as ações de João Chaves como prova de seu envolvimento com atividades subversivas. Sua existência na documentação apresentada possibilita ampliar o horizonte do debate, apresentando outra interpretação sobre as ações de João Chaves: trata-se de discutir sobre o Evangelho Social, isto é, uma visão crítica do mundo a partir da leitura e interpretação da Bíblia, confundida pelos investigadores como uma

37 Ibidem.

38 Ibidem.

39 Não é possível confirmar a presença de outros protestantes que colaboraram, seja direta ou indiretamente, com as Ligas Camponesas no município de Goiana. Devemos também apontar que nenhum prontuário funcional no nome de João Chaves foi encontrado durante as pesquisas realizadas para a escrita deste artigo.

40 **Relatório da Delegacia de Polícia do Município de Goiana**. 10 nov. 1960. Delegacia de Polícia do Município de Goiana. Prontuário Funcional nº 05368, Ligas Camponesas de Goiana, Departamento de Ordem Política e Social (DOPS/PE). Disponível no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE). p. 12.

modalidade de “infiltração comunista”. Mas, em que consiste a difusão do suposto “credo vermelho”? Por que, naquele momento, as igrejas protestantes passaram a ser investigadas por supostas ações de “subversão”? Para melhor responder a essas questões, uma breve discussão sobre o protestantismo no Brasil se faz necessária, especialmente sobre os temas relacionados aos aspectos fundamentalista e conservador, aspectos característicos dos protestantes, assim como à mobilização de um movimento em oposição a essas características, apresentando nova interpretação do evangelho cristão.

## O “Credo Vermelho” da Igreja dos Crentes: uma discussão sobre o Evangelho Social

AO FINAL DA DÉCADA DE 1950, a população evangélica constituía parte expressiva da população brasileira, cerca de 1.802.293 membros.<sup>41</sup> Apesar de numerosos, os protestantes mantinham interesse quase nulo em participar de assuntos relacionados à política nacional. Época em que a moral cristã de obediência às instituições, celestiais ou terrenas, expressou um modelo de civilidade e ordem. Durante as comemorações do centésimo aniversário da chegada ao Brasil de Ashbel G. Simonton,<sup>42</sup> em 1959, o presidente Juscelino Kubitschek chegou a declarar que os protestantes constituíam “um povo ordeiro e trabalhador” que “não criava problemas para o governo, concordes e obedientes”.<sup>43</sup> Embora esta fosse a visão predominante dos fiéis em seus cultos evangélicos, alguns se preocuparam com a realidade com a qual estavam envolvidos, questionando o modelo de sociedade assim como as desigualdades existentes no país, inquietando-se “com a realidade brasileira, de forma sistemática e organizada”.<sup>44</sup>

Diante das grandes transformações que o país atravessou desde o fim da ditadura do Estado Novo, em 1945, e o estabelecimento de um novo regime democrático, marcado pela eleição presidencial e a Constituinte em 1946, uma geração de jovens protestantes provocou o debate sobre a realidade brasileira a partir da interpretação do Evangelho Cristão: eram jovens universitários que observavam de forma crítica as injustiças sociais e as forças políticas e sociais mantenedoras das desigualdades no país.<sup>45</sup> Porém, esses jovens não representavam maioria dentro da estrutura tradicional da Igreja. De acordo com a historiadora Elizete da Silva, estes podem ser classificados como protestantes progressistas, isto é, como cristãos com uma “visão aberta, não necessariamente modernista em termos teológicos, que admite

41 Em 1960, a população total do Brasil era de aproximadamente 72 milhões de habitantes. Ou seja, em termos de porcentagem, no país, os evangélicos representavam aproximadamente 0,25% da população. Fonte: IBGE. **Censo demográfico:** 1960. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?id=768&view=detalhes>. Acesso em: 11 mar. 2020.

42 Ashbel G. Simonton foi o primeiro missionário presbiteriano norte-americano que desembarcou no Brasil ainda no século XIX, no ano de 1859, na cidade do Rio de Janeiro.

43 SILVA, Elizete da. **Protestantismo ecumênico e realidade brasileira:** evangélicos progressistas em Feira de Santana. Feira de Santana: Editora da UEFS, 2010. p. 66.

44 Ibidem.

45 SHAULL, Richard. **Surpreendido pela graça:** memórias de um teólogo. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 99.

novas ideias e novas perspectivas na interpretação de doutrinas e nas práticas religiosas, que possibilitam um olhar e às vezes um engajamento na sociedade circundante”.<sup>46</sup>

Frente à estrutura conservadora e reacionária,<sup>47</sup> protestantes progressistas, muitos deles em posições de liderança, insatisfeitos com a atuação de suas igrejas e líderes, mobilizaram forças para debater os problemas políticos, econômicos e sociais do Brasil, buscando respostas através da interpretação bíblica à luz do Evangelho:

Em várias partes do país, os jovens se mobilizam. Realizam debates, conferências, congressos. Publicam jornais e revistas. Realizam “acampamentos de trabalho” durante as férias, com a participação de estudantes evangélicos, principalmente ligados à União Cristã de Estudantes do Brasil (que recebeu forte influência de Richard Shaull) e membros de movimentos denominacionais de juventude, sem contar com o apoio ou o incentivo oficial da instituição, em localidades habitadas pelas classes populares.<sup>48</sup>

O confronto com as estruturas conservadoras do protestantismo produziu uma renovação na “liturgia, nos estudos bíblicos e uma marcada cisão teológica com o clero tradicional, fomentada pelo surgimento de uma ativa liderança leiga e um clero jovem engajado”.<sup>49</sup> A visão institucional confessional, portanto, cede lugar a uma visão crítica, onde o fator religioso aparece como componente da realidade social em vigor.

Um fator que diferencia essa nova geração de jovens protestantes é seu acesso aos círculos universitários.<sup>50</sup> A atuação desses jovens não só no meio eclesiástico, mas também nas universidades, sindicatos e associações, permite estabelecer relações entre sua atuação e o conceito de intelectual orgânico. Em Gramsci, o intelectual é apresentado como indivíduo “que participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar”.<sup>51</sup> Surge uma geração de jovens intelectuais, protestantes progressistas, preocupados com os problemas sociais, a exemplo dos sociólogos Waldo Cesar e Rubem Alves e do advogado e professor do Seminário Presbiteriano do Norte, em Recife, João Dias de Araújo. Jovens que, na visão do teólogo norte-americano Richard Shaull, procuravam associar os ensinamentos bíblicos aos problemas sociais. Naquele momento

46 SILVA, op. cit., p. 35.

47 Apesar de associado às ideias de progresso e democracia, utopias relacionadas ao protestantismo, este se apresenta como segmento religioso sectário, politicamente arreado e alienado. As ondas missionárias no século XIX pretenderam criar, ou continuar, o modelo de vida sulista norte-americano, baseado na exploração do trabalho escravo pelo branco reacionário. Cf. BURITY, Joanildo. Fé na revolução: protestantismo e o discurso revolucionário brasileiro (1961-1964). Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2011. p. 150-151.

48 BURITY, op. cit., p. 159.

49 Ibidem.

50 Nas universidades, muitos jovens protestantes se depararam com a militância política, em geral associada aos movimentos de esquerda, em especial ao Partido Comunista. A atuação dos militantes do Partido Comunista no movimento estudantil durante a década de 1950 consistia num desafio aos estudantes protestantes. Ao mesmo tempo, a militância comunista representava uma grande tentação nesses estudantes: “as críticas à conjuntura social e política do país, aos problemas sociais crônicos que eles faziam no âmbito religioso eram as mesmas ou similares às que faziam seus colegas marxistas. A juventude protestante que formaria esse setor ecumênico e progressista começava a olhar a realidade brasileira com um olhar crítico e via nos instrumentos políticos possibilidades de mudança”. SILVA, op. cit., p. 99.

51 GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p. 7-8.

isso significou tanto a participação dos protestantes progressistas nas estruturas básicas da sociedade quanto seu compromisso na luta pela transformação desta.<sup>52</sup>

Dos esforços desses intelectuais resultou a criação da Comissão de Igreja e Sociedade, posteriormente nomeada como Setor de Responsabilidade Social da Igreja (SRSI), em associação com a Confederação Evangélica do Brasil (CEB).<sup>53</sup> A partir da segunda metade da década de 1950, o SRSI promoveu uma série de debates com interpretações das transformações sociais que o país enfrentava naquele momento à luz do Evangelho Social. Nas palavras de Joanildo Burity, uma:

[...] nova compreensão do trabalho teológico que vinha através da influência do movimento ecumênico e de alguns dos principais teólogos protestantes deste século, intelectuais e teólogos, clérigos e leigos, discutiam a realidade econômica, social e política brasileira na perspectiva de assumir a Igreja sua responsabilidade face ao processo social e nele se engajar como parte de sua missão.<sup>54</sup>

Os debates foram promovidos pelo SRSI a partir de quatro conferências nacionais, organizadas inicialmente por seus coordenadores Waldo Cesar e Richard Shall. As reuniões se organizavam em torno da busca por compreender a realidade do Brasil e estabelecer uma perspectiva social a partir da ótica cristã. Não obstante, essas reuniões foram fundamentais para a formação própria de uma consciência social e política protestante.

A primeira reunião foi realizada em 1955, na cidade de São Paulo, e sua discussão culminou em uma consulta sobre a responsabilidade social da igreja perante os desafios apresentados pela sociedade no Brasil. Na reunião foram debatidos temas que versaram sobre a participação dos evangélicos na vida política, as áreas de ação social da igreja, seja nas fábricas ou no campo. A reunião contou com a participação de pastores e de intelectuais não vinculados a instituições religiosas. Na segunda reunião, realizada em Campinas no ano de 1957, a principal recomendação foi a atuação coletiva dos evangélicos nos setores sociais, políticos e econômicos da vida pública nacional. E, para embasar nossa análise na figura de João Chaves, passamos a concentrar a atenção nos debates ocorridos durante a terceira reunião do SRSI. Sentido em que o acesso aos anais das conferências permite realizar análise detalhada dos debates ocorridos, assim como possibilita o confronto das fontes, em especial dos relatos produzidos pelas autoridades policiais quando registraram as atividades de João Chaves frente às Ligas Camponesas em Goiana.

52 SHAULL, op. cit., p. 103.

53 A Federação de Igrejas Evangélicas do Brasil surge em 1933 como forma de garantir o direito à liberdade de culto, obtido com a instauração da República no país. Presbiterianos, metodistas e congregacionais (batistas não compunham o grupo por questões doutrinárias) encontraram nessa organização uma forma de cooperação “entre as diversas confissões e demarcava seu espaço no campo religioso nacional, para promover a cooperação entre as mesmas” (SILVA, 2010, p.60). Na prática, a Federação de Igrejas garantiu o livre exercício do protestantismo, denunciando os excessos e “o não cumprimento do preceito constitucional republicano”, além de alcançar um fortalecimento no cenário religioso do Brasil (Idem, p. 61). Dos esforços da união entre os segmentos protestantes surgiu, em 1934, a Confederação Evangélica do Brasil (CEB). Metodistas, Episcopais, Presbiterianos e Luteranos eram as denominações que compunham a organização.

54 BURITY, op. cit., p. 169.

Eis que em 1960, mais uma vez na cidade de São Paulo, foi realizada a terceira reunião do SRSI cujo tema foi “A presença da Igreja na Evolução da Nacionalidade”. E, para fomentar o debate durante o encontro, questionários foram previamente enviados, ainda em 1959, para seus possíveis participantes: os questionários continham perguntas sobre política, sociedade, economia e cultura; suas respostas foram discutidas na reunião; e os resultados foram publicados em documento cujo título remete ao tema da reunião. Coube ao sociólogo Waldo Cesar, presidente do SRSI, a redação desse documento.

Já no prefácio da redação de Waldo Cesar é possível encontrar elementos que dão base à participação dos protestantes nos assuntos seculares. Faz-se notório o estabelecimento de certa posição contrária à visão tradicional da igreja, de abstenção política e social. Assim, por estar a igreja inseparavelmente ligada ao homem, à sociedade e às instituições políticas, a ela cabe “responder aos desafios da miséria e da desesperança por uma nova forma de pensamento e ação”.<sup>55</sup> A igreja, portanto, tem a responsabilidade social de formular “respostas ao desafio da miséria, isolamento, falta de ajuda e muitas outras tragédias do ser humano, provocadas por uma nova maneira de pensar e por ações novas”.<sup>56</sup> Essa nova maneira de pensar é parte do Evangelho Social onde os cristãos tomam conhecimento da realidade na qual estão inseridos e assim promovem a inserção da igreja nos debates sobre os problemas sociais. Em outras palavras, há a formação da consciência que possibilita enxergar a igreja como parte do mundo, assim como que sua inserção no mundo é condição para a busca por mudanças:

Estamos igualmente integrados na ordem social; dependemos, cada dia mais, das estruturas sociais e políticas. Desprezar essas forças, as limitações e as oportunidades que elas nos oferecem, será desconhecer a sociedade moderna e as ordens nas quais o homem vive e das quais depende.<sup>57</sup>

A formação da consciência social cristã, de acordo com Waldo Cesar, é parte de um chamamento divino, exigência do próprio Deus presente nas Escrituras Sagradas. Não se trata apenas da solidariedade humana, mas de responsabilidade social com fundamentos bíblicos e teológicos: “Deus nos chama para agir na sociedade, fazendo uso das estruturas e movimentos econômicos e políticos que estão vigorando, em vez de ficarmos em atitude inoperante de espera até que se tenha a situação ideal”.<sup>58</sup> Era dever do cristão buscar informações e estimular sua participação em órgãos ou grupos que discutiam os problemas sociais. Ao assumir essa posição, o crente observava a realidade a sua volta assim como compreendia seu papel como agente social e sujeito histórico. Contexto em que o verdadeiro crente, portanto, é aquele que consegue entender o cristianismo como doutrina que enxerga os problemas sociais e contribui para suas mudanças:

55 **Presença da Igreja na evolução da nacionalidade.** Anais da III Reunião de Estudos sobre a Responsabilidade Social da Igreja, promovida pela Confederação Evangélica do Brasil. São Paulo, 1962. p. 2.

56 *Ibidem.* p. 33.

57 *Ibidem.* p. 5.

58 *Ibidem.* p. 35.

O crente que chega a compreender o seu papel na sociedade se esforça por conhecer profundamente a fé bíblica e histórica do Cristianismo, preocupando-se por analisar e compreender a fundo a realidade histórica e política na qual vive, e traça relação vital entre a fé cristã e o ambiente em que desenvolve sua vida, de modo que se sinta impulsionado a participar ativamente no mundo político-social ao seu redor.<sup>59</sup>

A participação do crente como sujeito histórico de um processo em marcha revela uma escolha vista como consequência da própria fé. Isto é, ao assumir a luta por mudanças, a consciência em torno do cristianismo verdadeiro manifesta a vontade do próprio Deus por justiça social. Dessa forma, a mobilização dos crentes em torno de partidos, sindicatos e ligas, por exemplo, traduzia sua participação como agente dotado de consciência social e política com empenho na luta pela transformação da sociedade. Cabia ao protestante, portanto, a obrigação de agir politicamente, realizando “obra de alcance social e público correspondente às possibilidades do cargo que ocupa”.<sup>60</sup>

Entretanto, a formação dessa consciência social cristã gerou confusão aos investigadores da polícia, que classificaram as atividades das igrejas protestantes como subversivas, isto porque elas estavam auxiliando os trabalhadores rurais na conquista de seus direitos. E o “credo vermelho”, portanto, assumiu conotação negativa, perigosa, responsável por alimentar instabilidade no campo, embora instituído com base na missão de criar e/ou desenvolver a consciência crítica entre os protestantes na busca por soluções para os problemas sociais da época.

## Os evangélicos e as Ligas Camponesas: considerações finais

JOÃO CHAVES, eleito vereador e escolhido como presidente da Câmara de Goiana, cumpriu seu papel “para com Deus e para com César” ao interceder pelos mais necessitados. Ele buscou alívio para os trabalhadores rurais face à situação miserável a que estavam submetidos ao mesmo tempo em que seu exemplo se soma a toda uma narrativa já construída a respeito da participação de protestantes nas lutas sociais do Brasil durante os anos de 1950-1960.

Graças à historiografia recente, em especial aquela dedicada ao protestantismo no Brasil, pesquisas evidenciam a participação política de protestantes em movimentos sociais. No caso das Ligas Camponesas, a participação protestante foi explorada graças aos trabalhos dos historiadores Elizete da Silva e Márcio Vilela.

Até então, o exemplo mais conhecido foram as contribuições de João Dias de Araújo, pastor presbiteriano, a Francisco Julião. Em entrevista outrora concedida, João Dias relembra sua contribuição, ainda que superficial, nas atividades das Ligas Camponesas, fornecendo referências bíblicas para Julião, que associava a campanha das ligas aos antigos profetas que lutavam contra as injustiças sociais:

<sup>59</sup> Ibidem. p. 39.

<sup>60</sup> Ibidem. p. 36.

Como ele era um líder, desejava que as pessoas pudessem se aproximar da religião que ele sentia negligenciar. [...] As Ligas Camponesas estavam no auge em termos de propaganda. Ele queria usar em seu discurso elementos religiosos e tinha um deputado do partido dele, que era o Partido Socialista, Inaldo Lima, que fazia parte de minha igreja então ele pediu que eu o ajudasse com alguns versículos bíblicos que falassem sobre a luta dos profetas contra as injustiças. Então em seus comícios ele citava: “como disse o profeta Isaías... o apóstolo Tiago” e citava os versículos que eu dei a ele de cor. As pessoas da segurança pública, que ali estavam ouvindo Julião, anotavam tudo.<sup>61</sup>

Julião foi defensor da participação evangélica nas atividades das Ligas Camponesas. Suas opiniões sobre o tema foram apresentadas em entrevista concedida durante o exílio no México, em 1979, para o semanário *O Pasquim*. Quando indagado sobre a perseguição de padres aos camponeses que se declararam filiados às ligas, Julião narrou que essa atitude provocou o medo de perder a salvação, pelo suposto envolvimento com atividades pecaminosas. A perseguição fortaleceu a presença de protestantes nas ligas, garantindo ao camponês a salvação de sua condição miserável, do corpo e da alma:

O camponês que entrasse numa Liga não podia mais entrar na igreja. Agora, naquele momento os pastores realmente prestaram serviço à nação. Antes do Concílio Ecumênico,<sup>62</sup> a religião protestante ainda era muito perseguida no Brasil. Então eu dizia: ‘vocês são a religião oprimida. Os camponeses também estão sendo oprimidos. Por que vocês não se juntam comigo para a gente fazer um trabalho no campo?’ Podem cantar seus hinos, recitem os trechos dos grandes profetas, e fazemos um trabalho em conjunto. Peguem a Bíblia que eu vou com o Código Civil. Isto deu certo [...].<sup>63</sup>

Os protestantes foram ocupando posições privilegiadas nas ligas, assumindo cargos de liderança ou cuidando de assuntos financeiros. Em parte, demonstravam-se sérios e honestos nos trabalhos desempenhados. Não é possível afirmar sobre João Chaves haver assumido cargo oficial nas Ligas Camponesas de Goiana, mas sua participação como elemento de ligação a importantes personagens demonstram o comprometimento e a confiança de que gozava entre os membros da liga. O histórico de João Chaves soma-se, portanto, ao exemplo muito conhecido dos protestantes João Pedro Teixeira, da Liga de Sapé, na Paraíba, e Manuel da Conceição, no Maranhão.

A participação desses cidadãos é confundida pelas autoridades policiais como uma penetração do comunismo no campo. A interpretação é equivocada: os intelectuais do SRSI alertavam para a interpretação errada de suas ações. Nos anais da III Conferência do SRSI é manifestada a preocupação entre os protestantes em não associar suas ações ao comunismo, pois a Igreja teria sua própria mensagem:

De consistente sistema de pensamento, o comunismo passou à força política - o que tornou o seu apelo às massas apelo também a intelectuais e num

61 NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas do. CABRAL, Newton Darwin de Andrade. SOUZA, José Roberto de. (Orgs.). **Lideranças protestantes no Brasil: ensaios biográficos**. Recife: Editora UFPE, 2015. p. 185.

62 Julião faz referência ao Concílio Vaticano II, que ocorreu em 1962, por iniciativa da Igreja Católica.

63 UM PAU-DE-ARARA NO EXÍLIO: Julião (parte 1). **Semanário O Pasquim**. Ano X; nº 497, Rio de Janeiro, de 5 a 11 de janeiro de 1979. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso em: 15 fev. 2020.



dos mais fortes desafios à Igreja em todo o mundo. [...] É tarefa específica da Igreja trabalhar profunda e seriamente na compreensão do fenômeno comunismo, a fim de esclarecer aos seus arrolados - e à sociedade em geral - a sua natureza e a verdadeira posição que deve ser adotada. Para isto, a Igreja deve ter cuidado de não se identificar com determinadas forças ou partidos.<sup>64</sup>

Essa preocupação constante da não associação do Evangelho Social ao comunismo foi debate frequente entre os protestantes progressistas. João Dias de Araújo, por exemplo, organizou um folheto destinado à formação de jovens evangélicos, principalmente estudantes universitários, alertando para as contradições entre o modo de vida cristão e do comunista.<sup>65</sup> Outro exemplo é o relato apresentado pelo próprio Julião sobre as atividades das ligas em Jaboatão dos Guararapes, município da Região Metropolitana do Recife.

Ainda na entrevista ao semanário *O Pasquim*, Julião narra o relato de João Evangelista. O exemplo permite questionar as interpretações equivocadas das autoridades policiais sobre o “credo vermelho”:

Joaquim Camilo, da Liga de Jaboatão, era protestante e, João Evangelista de Jaboatão também. Com este se deu um fato interessante que depois transformei em documento. Quando se fundava uma Liga, a gente mandava convidar todas as autoridades para assistir, o juiz, o prefeito, o vice-prefeito, o delegado, o vigário, o promotor. Se a Liga era legal queríamos dar esse caráter de absoluta legalidade, pondo a placa, convidando as autoridades, mas muitos se negavam ou prometiam ir e não iam.

De início é possível identificar certa preocupação com a legalidade das atividades da liga, cujo processo de fundação era acompanhado de cerimônia para a qual as principais autoridades políticas e até mesmo eclesiásticas eram convidadas. E eis que certo convidado, o prefeito Aníbal Varejão, protagonizou um diálogo com João Evangelista. Esse diálogo demonstra o nível de consciência cristã dos membros protestantes das ligas, assim como evidencia o frágil argumento a respeito da retórica anticomunista presente à época:

O prefeito de Jaboatão, advogado e grande senhor de terras, disse a João Evangelista: “não vou a esse negócio por que é comunismo”. João, que era protestante, disse: “olha, minha religião é a de Jesus Cristo. Eu estou com Jesus”. “Não, você pensa que está com Jesus Cristo, mas está servindo ao comunismo!”. Então perguntou ao prefeito o que era comunismo: “me explica o que é comunismo, porque vejo um negócio legal tem placa tem tudo direitinho”. “Comunismo é tomar o que é dos outros, é fazer mal a filha dos outros, é empatar a religião dos outros. Isso é o comunismo”. João Evangelista pensou um pouco e disse: “Pois então já estamos nele, (sic) homi! Você sabe que tem uma filha bonita, mas vem o dono da terra, ou capataz, ou gerente da usina, ou o capanga, e infelicita a menina. Já perdi aí ela se prostitui, porque não casa com ela. Vivo também na propriedade de dona fulana de tal que é católica e ela não permite que eu faça meu culto na minha casa. Então ela está empatando minha religião. Outra coisa: a gente planta o pé de café, a bananeira, a manga, faz uma casa, uma cerca, um barreiro, um dia vem o proprietário e diz que quer a terra, nos expulsa de lá com 24 horas, e não

64 **Presença da Igreja na evolução da nacionalidade**, op. cit., p. 31.

65 Ver documento *O Jovem Cristão e o Jovem Comunista*, escrito em 1963 a pedido da Missão Presbiteriana do Norte do Brasil. Disponível no Prontuário Individual de João Dias de Araújo no acervo do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS/PE).

nos paga nada. Se a gente resiste manda matar ou põe a polícia em cima da gente. Tá tomando o que é da gente, o que fiz com meu trabalho. Então é o comunismo! A Liga vem para acabar com essa lei e fazer a lei da Justiça.

O exemplo apresentado por Julião aponta para a consciência cristã voltada para a crítica social, demonstrando também que as atividades das ligas não poderiam ser confundidas com atividades comunistas uma vez que suas ações se desenvolviam dentro dos padrões da legalidade. Numa jogada audaciosa de João Evangelista, ele questiona o que seria o comunismo na visão do prefeito de Jaboaão, demonstrando que esse “comunismo” já existia e que era provocado pelo próprio latifundiário, responsável por agravar as condições a que o camponês estava submetido.

As discussões sobre João Chaves, suas relações com as Ligas Camponesas em Goiana e com o Evangelho Social têm limitação na própria documentação policial. O relato de sua existência o transforma em sujeito histórico partícipe da discussão em torno de um dos momentos mais agitados da história do Brasil. Mais além, permite embasar mais profundamente a historiografia sobre o protestantismo, em especial sobre os protestantes que ousaram lutar contra as injustiças sociais e as estruturas de uma igreja conservadora e fundamentalista. Com o golpe civil-militar de 1964, a mobilização foi bruscamente interrompida, os protestantes progressistas foram perseguidos e tiveram seus cargos retirados e direitos negados; e o que aconteceu a João Chaves ainda não é sabido ao certo, é ponto ainda obscuro a ser, quem sabe, tratado em outros capítulos da História, com maior aprofundamento em torno dos indícios apresentados e outros porventura encontrados, com pesquisas futuras que poderão indicar maior e melhor compreensão de seu registro.

Recebido em: 31/03/2020

Aprovado em: 26/04/2020